

A GEOPOLÍTICA DA FRONTEIRA SUL DO MÉXICO

VILLAFUERTE Solís, Daniel. *TIEMPO DE FRONTERAS: UNA VISIÓN GEOPOLÍTICA DE LA FRONTERA SUR DE MÉXICO*. Tuxtla Gutierrez: UNICACH/Juan Pablos, 2017

Lício Caetano do Rego Monteiro¹
Universidade Federal Fluminense

Enviado em 22 mar. 2021 | Aceito em 18 mai. 2021

Faz tempo que a visão geopolítica sobre as fronteiras tem trazido contribuições relevantes. Se no passado a geopolítica da fronteira era assunto de militares e diplomatas, hoje em dia os estudos fronteiriços já estão estabelecidos na academia, com visões críticas que se relacionam com a dinâmica das sociedades e territórios fronteiriços. Cada fronteira tem sua especificidade. No mundo de hoje, é possível apontar casos tradicionais de fronteiras militarizadas (Ex: Coreias) e em conflito (Ex: Caxemira), mas também casos de fronteirização e desfronteirização, termos contemporâneos que designam processos de maior ou menor abertura, bem como processos de restrições segmentadas num mundo em que as técnicas de vigilância e controle ultradesenvolvidas convivem com populações em situações críticas capazes de arriscar suas vidas para cruzar fronteiras.

Uma das fronteiras que têm passado por um processo de fronteirização acentuado é a fronteira sul do México, que nos últimos vinte anos tem passado por transformações e alimentado interpretações com diferentes enfoques. Destaco aqui a importante contribuição de Daniel Villafuerte Solís com seu livro "Tiempo de fronteras: una visión geopolítica de la frontera sur de México". O livro traz uma visão abrangente de toda fronteira, seja no aspecto mais descritivo, em suas dimensões espaciais, geopolíticas e geoeconômicas, seja na dimensão teórica sobre o que significa a fronteira. O autor consegue também operar a dimensão macroescalar, com destaque para os Estados Unidos, com sua influência nas políticas migratórias e comerciais, e as empresas multinacionais, com seus interesses econômicos em extração de recursos; e a dimensão microescalar, com a pobreza, a

1. Doutor em Geografia. Professor adjunto da Universidade Federal Fluminense (UFF-Angra). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2925-2856>. E-mail: licioaetano@id.uff.br.

violência e as organizações sociais que reivindicam autonomia. Nessa dupla mirada, é possível ver os processos de fronteirização e desfronteirização como duas caras da mesma moeda (p. 13).

Certos lugares do mundo são especiais ao oferecem, ao mesmo tempo, pontos de vista sobre a situação singular e sobre os processos gerais que ocorrem no mundo inteiro. A fronteira sul do México é um desses espaços privilegiados de onde se pode ter ambos os pontos de vista, que são cruzados de forma astuta por Daniel Villafuerte Solís em seu livro.

Em primeiro lugar, existe um trabalho descritivo bastante atualizado sobre a fronteira, que já vem sendo estudada por diferentes pesquisadores e instituições localizadas nos próprios estados de fronteira, especialmente em Chiapas.

Em segundo lugar, o livro problematiza a “frontera sur de México como espacio estratégico en la geopolítica de los Estados Unidos” (p. 17), o que significa trazer à tona as relações entre a grande potência do norte e seu pátio traseiro numa zona especialmente sensível, pois envolve a passagem de migrantes de diferentes países para o corredor-fronteira mexicano. A fronteira sul do México se torna então um portal para se compreender a América Latina e o sul global em suas relações de subordinação e resistência frente às pressões hegemônicas.

A fronteira mexicana no sul é formada pelos segmentos dos estados de Chiapas e Tabasco que confrontam a Guatemala, o estado de Campeche, que confronta Guatemala e Belize, e Quintana Roo, na parte caribenha, confrontando Belize. O segmento mais complexo por sua densidade e seus fluxos é Chiapas-Guatemala, com destaque para a cidade mexicana de Tapachula, “la puerta mas amplia y transitada de la fronteira sul de México” (p. 26), com uma população de mais de 320 mil pessoas (p. 35). Na dimensão espacial, Villafuerte descreve as cidades fronteiriças, as redes de transporte existentes no território, as características das populações, as principais atividades econômicas e a infra-estrutura de controle fronteiriço. Também enfatiza os processos de extração de recursos naturais com as concessões para exploração de petróleo e mineração, que prometem desenvolvimento, mas que mantem na pobreza e na miséria as populações atingidas pelos megaprojetos. Chiapas é um dos estados mais pobres do México, apesar de suas riquezas minerais, que vem sendo expropriadas (p. 55).

Depois do esforço descritivo que diferencia cidades, estados e regiões, Villafuerte se pergunta: “Qué es lo que une a la frontera sur?”. E responde:

está conformada por espacios heterogéneos y complejos, pero que presentan varios elementos en común. Aquí no hay muros, como en la frontera norte, sino que se trata de una frontera muy porosa. La existencia de elementos culturales comunes es un rasgo que la distingue de la frontera norte, porque la lengua, la religión y la comida, con sus variaciones regionales, son muy similares. La herencia maya está presente en mayor o menor medida en toda la región. (p. 59)

Mas outros aspectos são também levantados, como a discrepância entre os abundantes recursos estratégicos e a pobreza da população e o fato de que a fronteira sul é também uma fronteira de colonização interna pelo centro e o norte do país em diferentes momentos desde o século XIX, com atividades econômicas concorrentes ao cultivo de milho e alimentos (p. 59-78). O novo extrativismo trouxe à fronteira a mineração, a exploração de petróleo e os agrocombustíveis em diferentes projetos, acelerando processos de expropriação e degradação ambiental, além da redução da superfície de cultivo de milho (p. 78-82).

A partir de seu caso empírico, Daniel Villafuerte passa uma discussão conceitual sobre a fronteira, marcando a polissemia de seu significado e as mudanças originadas principalmente com os processos de globalização nos anos 1990, que destruíram e criaram diferentes fronteiras ao redor

do mundo, seguindo as demandas do capitalismo global. Voltando ao caso empírico, o autor reforça como o “papel de las potencias, en especial de Estados Unidos, ha sido fundamental en la redefinición de las fronteras”, com uma visão geopolítica que se estende para além do sul do México, atingindo América Central e Caribe, especialmente no tocante ao controle das migrações.

Aqui Villafuerte traz uma contribuição teórica original, cruzando a ideia de fronteira como frente (frontier) com a ideia de “fronteira migratória vertical” (apud CASILLAS, 2008), usada para explicar as barreiras contra a migração internalizadas no México, fazendo el “corrimiento de la frontera norte hacia el sur”, principalmente após os atentados de 11 de septiembre (p. 91). Assim, “la lectura de la frontera en clave geopolítica permite ver la importancia estratégica del territorio a pesar de la relevancia que hoy han adquirido las redes” (p. 93). A emergência dos transmigrantes centroamericanos mudou a lógica territorial da fronteira sul do México. De fronteira horizontal, por onde passam os imigrantes, o México passa a ser uma fronteira vertical ao internalizar e acomodar as formas de controle demandadas a partir das demandas estadunidenses e acordadas com as elites políticas mexicanas (p. 113).

O segundo capítulo trata especificamente sobre a fronteira sul do México no marco da geopolítica de Estados Unidos. Villafuerte nos chama a atenção para o momento em que o que era uma “frontera olvidada” passou a ganhar importância por conta das levadas de refugiados dos conflitos centroamericanos nos anos 1980. O que era uma fronteira aberta ao livre trânsito, compartilhada pela gente de lado a lado, se tornou um espaço em que as restrições começam a aparecer. Os refugiados eram vistos como potenciais subversivos que poderiam trazer para o sul do México os tipos de insurgência que ocorriam na América Central (p. 123), algo que ocorreu por outras vias com o levantamento em armas do Ejército Zapatista nos anos 1990. A outra face desse processo nos anos 1980 foi o Programa de Desarrollo de la Región Sureste (1983), que buscava reverter a situação social de pobreza e desigualdade pela via do desenvolvimento, mas que logo foi revertida pelas políticas neoliberais que avançaram nos anos 1990.

Nos anos 2000, com o fim dos conflitos internos na América Central, o interesse geopolítico dos Estados Unidos em relação à fronteira se voltou para a migração intensa de centroamericanos (p. 127). Os Estados Unidos vão buscar estabelecer cooperações com o México e os países da América Central para conter os fluxos migratórios. E com as políticas antiterroristas que afetaram os controles migratórios, a geopolítica estadunidense passa a considerar a fronteira sul do México como parte de sua área de segurança, dentro do guarda-chuva da Iniciativa Mérida (México) e a Iniciativa de Segurança Regional Centroamericana, voltadas contra diferentes tráficos ilegais. Foram formados também Grupos de Alto Nível sobre Segurança Fronteiriça com os diferentes países ao longo dos anos 2000. Todas essas iniciativas serviram para internalizar as demandas antimigratórias e antiterroristas nos sistemas de segurança dos países da América Latina, no que foi chamado por María Rodríguez Rejas de “norteamericanização da segurança na América Latina” (2017). Ao longo dos anos 2000 e 2010, o que ocorre é que o México começa a participar das estratégias estadunidenses de contenção migratória dos centroamericanos (p. 140).

Daí vem a pergunta sobre a política migratória mexicana: é para a contenção – sob o signo da segurança – ou para a regulação dos migrantes? Villafuerte conclui que a política mexicana segue os ditames do norte com a fórmula: contenção-detenção-deportação, ampliando a vulnerabilidade dos migrantes a extorsão, detenção ilegal, abuso sexual e assassinato (p. 151-152). Efetivamente, a fronteira sul do México tem cumprido o papel de filtro para reduzir o avanço dos migrantes até a fronteira norte (p. 162).

A avalanche de novas regulações fronteiriças atravessou as interações transfronteiriças pré-existentes, o que obrigou também a regulamentar os trânsitos tolerados, com a criação de mecanismos como a Forma Migratória para Trabalhadores Fronteiriços (FMTF).

O terceiro capítulo busca um enfoque diferenciado ao tratar de atores não-estatais que produzem desfronteirização, contrários, portanto, aos processos de fronteirização levados a cabo pelo Estado e suas instituições no exercício do poder estatal, que se expressa sobretudo na contenção dos migrantes. A desfronteirização, por sua vez, “adquire a forma de “infiltração” mediante a prática cotidiana de burlar as fronteiras aproveitando seu caráter poroso” (p. 183).

O autor busca demonstrar, em primeiro lugar, o quanto as políticas de segurança dos Estados Unidos e o imperativo neoliberal contribuíram para acentuar as levadas de migrantes, seja no passado, ao financiar guerras de contrainsurgência e ditaduras, seja no presente, com o empobrecimento das populações, a ampliação da criminalidade e a dependência das remessas de dinheiro dos migrantes.

O livro então apresenta três panoramas relacionados ao mundo da migração como exemplos de desfronteirização. Um é a história da famosa ferrovia conhecida como La Bestia, uma das principais rotas de trânsito do sul ao norte do México. Outro são os albergues para migrantes, espalhados nos diferentes corredores como suporte humanitário aos migrantes. O terceiro, por fim, são as caravanas de mães de migrantes desaparecidos, que lembra o caso das mães de desaparecidos das ditaduras sul-americanas. Dado o alto número de assassinatos e desaparecidos na travessia do México, essas mães se organizaram para cobrar justiça e reparação dos governos mexicano e estadunidense.

O quinto e último capítulo está focado no desenvolvimento: de quê, para quem e segundo quem? Daniel Villafuerte analisa a passagem de um extrativismo tradicional, mais intensivo em mão-de-obra, para o neo-extrativismo, que se apresenta periodicamente com o rosto de desenvolvimento, através de projetos como a Marcha hacia el Sur e o Plan Puebla-Panamá (depois rebatizado de Plano Mesoamérica), entre 2000 e 2001. O programa Macha hacia al Sur se encerrou em cinco anos sem atingir suas promessas. E o Plan Puebla-Panamá parece não ter tido um fim, mas “desempenhou um papel de correia de transmissão do livre comércio através dos tratados com México e Estados Unidos” (p. 244). O que se vê na fronteira sul do México e na América Central é que as remessas conferem mais renda para a população do que os grandes projetos governamentais ou empresariais.

A conclusão aponta para a extrema importância que a fronteira sul do México ganhou nas últimas décadas. Esta passa do modelo extrativista tradicional de expropriação dos recursos naturais e no empobrecimento da população para o neo-extrativismo, que só intensifica as características do modelo anterior (p. 271). Enquanto os projetos de “desenvolvimento” fracassam em suas promessas, a sociedade local dá suas respostas em defesa dos territórios, dos recursos naturais e em apoio a migrantes em trânsito (p. 273).

As promessas de mundo livre e aberto trazidas pela globalização esbarram na realidade de políticas de contenção das populações e da migração, políticas estas que são transferidas das fronteiras dos Estados Unidos para as demais fronteiras. Não é possível pensar na segurança da fronteira norte sem levar em conta o que se passa na fronteira sul (p. 250). Aqui reside a especificidade da fronteira sul do México: onde se encontra ao mesmo tempo a funcionalidade de filtrar migrações de terceiros países e a adoção de padrões que estão hoje sendo difundidos para diferentes fronteiras do mundo, independentemente de sua relação funcional com a contenção migratória norte-americana. Nesse sentido, a fronteira sul é um laboratório onde se experimentam as tecnologias de gestão de populações. Como conclui Villafuerte,

en la frontera sur de México no habrá muros físicos, aunque desde hace varios años la vigilancia se incrementa día tras día mediante diversos dispositivos que van desde la presencia combinada de policías locales, estatales y federales, con apoyo del ejército, hasta medidas más recientes como la construcción de los llamados Centros de Atención Integral al Tránsito Fronterizo (CAITF), en el marco del Programa Frontera Sur. (p. 272-273)

Esse muro invisível é complexo por conta do emaranhado de combinações que são tecidas para promover a contenção migratória. Mas é importante observar de forma arguta, como faz Villafuerte, o desenvolvimento no tempo e no espaço das lógicas de controle territorial e as lógicas de resistência. É uma visão geopolítica que permite extrair do caso singular da fronteira sul do México um prisma para compreender outros contextos fronteiriços na América Latina e no mundo.

Referências

VILLAFUERTE Solís, Daniel (2017). *Tiempo de fronteras: una visión geopolítica de la frontera sur de México*. Tuxtla Gutierrez: UNICACH/Juan Pablos, 2017.

RODRÍGUEZ Rejas, María José (2017). *La norteamericanización de la seguridad en América Latina*. Ciudad de México: Akal, 2017.